

A imagem do ser enfermeira/enfermeiro em filmes de longa metragem à luz da história da enfermagem

The Image of the Nurse in Long Films in the Light of Nursing History

Allan Ferreira dos Santos¹
Elane da Silva Barbosa²
Márcia Jaíne Campelo Chaves³
Hélder Matheus Alves Fernandes⁴
Sílvia Maria Nóbrega-Therrien⁵

DOI: 10.19177/memorare.v7e22020249-265

Resumo: Objetiva-se analisar a imagem de Enfermagem veiculada nos filmes de longa-metragem, apresentando o perfil de enfermeira (o) focado e refletindo sobre o significado das informações veiculadas nas cenas desses filmes. Trata-se de estudo de abordagem qualitativa, do tipo analítico e descritivo, no qual foram analisados três filmes: *Um estranho no ninho* (1975); *Servindo em silêncio* (1995) e *Fale com ela* (2002). Identifica-se que a(o) enfermeira(o) apresenta distintas imagens nos longas-metragens, transitando de uma imagem feminina maquiavélica em *Um Estranho no Ninho*, para um aspecto rígido, desumanizado e masculinizado com a enfermeira em *Servindo em silêncio*, chegando à perspectiva de um profissional humanizado, sensível e empático em *Fale com Ela*, cuja orientação sexual é questionada, o que traz à tona da discussão da feminização da categoria. Constata-se, portanto, que o cinema retrata a(o) enfermeira(o) sob diversas imagens, assim desvelá-las torna-se fundamental para fortalecer o papel desse profissional, sem estereótipos.

Palavras-chave: Cinema. Enfermeira. História da Enfermagem.

Abstract: The objective is to analyze the image of Nursing conveyed in the feature films, presenting the profile of a focused nurse and reflecting on the meaning of the information conveyed in the scenes of these films. It is a study of qualitative approach, of the analytical and descriptive type, in which three films were analyzed: *One Flew Over the Cuckoo's Nest* (1975); *Serving in silence* (1995) and *Talk to her* (2002). It is identified that the nurse presents different images in the feature films, transitioning from a Machiavellian female image in *One Flew Over the Cuckoo's Nest*, to a rigid, dehumanized and masculinized aspect with the nurse in *Serving in Silence*, arriving at perspective of a humanized, sensitive and empathetic professional in *Talk to her*, whose sexual orientation is questioned, which brings up the discussion of the feminization of the category. It appears, therefore, that the cinema portrays the nurse under different images, so unveiling them becomes essential to strengthen the role of this professional, without stereotypes.

Keywords: History of Nursing. Movie theater. Nurse.

¹ Enfermeiro e Especialista em Urgência e Emergência pela Faculdade do Vale do Jaguaribe – FVJ. E-mail: allan.ferre.ferre@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará – Uece. E-mail: elanesilvabarbosa@hotmail.com

³ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Especialista em Saúde da Família pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab e em Educação à Distância: Fundamentos e Ferramentas pela Uece. E-mail: jainne.campelo@hotmail.com

⁴ Graduando no curso de Bacharelado em Nutrição pela Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró – Facene/RN. E-mail: heldermatheus10@hotmail.com

⁵ Doutora em Sociologia da Educação, pela Universidade de Salamanca, Espanha. Atualmente é professor Assistente N da Uece, atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação e no Curso de graduação em Medicina. E-mail: silnth@terra.com.br

1 Introdução

A Enfermagem, enquanto profissão determinante e determinada socialmente, visa manter uma relação de harmonia com o sujeito que procura o serviço de saúde. A imagem que ela transmite apresenta, portanto, importância no seu campo de trabalho e no contexto social. O cinema, por sua vez, ao longo do tempo vem apresentando a imagem da Enfermagem sob diversas perspectivas, mostrando um olhar diversificado acerca do exercício dessa profissão.

Quando as primeiras tecnologias visuais surgiram, o cinema apareceu, no século XIX, como uma forma de entretenimento que almejava levar um novo tipo de diversão às pessoas. No início, era apenas uma sequência de fotos enquadradas, sobrepostas uma às outras, necessitando que alguém as interpretasse dando sentido ao que era exibido. Grande foi o espanto quando, anos depois, vieram as primeiras imagens em movimento, mesmo sem a presença de som; tratava-se do cinema mudo, que encantava toda uma geração pós-Primeira Guerra Mundial (MASCARELLO, 2006).

Posteriormente, surge o cinema em cor, som e imagem em movimento, que, além de levar diversão às pessoas, também permitia uma troca de conhecimentos e costumes, aproximando diferentes culturas (PIMENTEL, 2011). Atualmente, no século XXI, pode-se contar com uma diversidade de gêneros de filme: drama, documentários, comédia, terror, suspense, romance, desenho animado, entre outros, que continuam a encantar e entreter todos os públicos. Claro que, agora, com algumas novidades, tais como: as películas em 3D, que trazem ao espectador a sensação de participar realisticamente daquela história, bem como a melhoria do som e imagem de alta definição.

Nesse contexto, são, portanto, várias as razões que levam a ver um filme, bem como inúmeras as leituras que podem ser feitas sobre ele. Se, por um lado, identificações e projeções pessoais, nada homogêneas, sustentam o ponto de vista e as conclusões de cada espectador; por outro, é preciso ponderar que, embora cada um tenha a sua percepção sobre o que assiste, nada na *Sétima arte* é puramente ocasional. O cenário, o figurino, os gestos, o som, a iluminação, tudo tem um propósito: fomentar elementos que suscitem uma determinada imagem, concepção, pensamento por parte do espectador (PIMENTEL, 2011).

Particularizando essa discussão e voltando seu foco para a Enfermagem, os estudos de Rambor e Kruse (2007, p. 55) dizem que:

O cinema compõe o significado através da incorporação de técnicas de edição cinematográficas, com som, iluminação, cenário e jogo de câmeras. Em geral os filmes que retratam um hospital, com suas enfermarias, blocos cirúrgicos, salas de espera e recepções, utilizam uma iluminação bastante clara, que algumas vezes é potencializada pelas tonalidades claras de móveis e paredes, além das vestes dos figurantes e personagens. Quanto ao posicionamento percebemos que frequentemente os personagens encontram-se atrás ou encostados nos balcões de recepção [enfermarias]. A postura normalmente é em pé e suas ações se restringem aos procedimentos técnicos ou atividades administrativas como anotar dados em pranchetas.

Percebe-se, então, que a Enfermagem, retratada nas telas do cinema é, frequentemente, referenciada como uma profissão com

muitas tarefas, vários procedimentos a desempenhar, portanto muito tecnicista e que, quase sempre, não sabe lidar com os aspectos psicossociais do paciente.

Interessante que, ao se reportar para a História da Enfermagem, podem ser encontrados vários sentidos sobre o *ser enfermeira/enfermeiro* e pode-se constatar que, nos dias de hoje, muitas características do passado ainda continuam enraizadas na mente das pessoas e os produtores de filmes procuram a melhor forma de produzir um longa metragem que reforce essas ideias, mesmo que não corresponda ao papel do enfermeiro no contexto atual.

Atualmente, a mídia vem assumindo papel relevante junto às demais formas de dinamização e expansão da cultura, tendo um papel globalizante que faz com que nossos mundos se interconectem e se cruzem. Ela produz sentidos acerca daquilo de que se ocupa, e quando se ocupa da Enfermagem não é diferente. Pensar sobre este tema auxilia a compreensão sobre o modo como são subjetivados os usuários do sistema de saúde e os futuros profissionais que procuram os cursos de enfermagem (RAMBOR; KRUSE, 2007, p. 53).

A imagem pode ficar na memória muito mais tempo que frases e diálogos, por isso torna-se tão significativa apresentá-las de maneira que não denigam a Enfermagem. Logo, conforme Carrière (2006), é mais fácil lembrar da cena de um profissional cometendo um erro com muito mais clareza, do que um diálogo proferido por ele. Desse modo, os filmes geram memórias significativas, as quais podem perpetuar-se no imaginário. Para Bachelard (1994), o imaginário constitui-se um motor para todo o processo de simbolização do ser humano. Assim, o imaginário forma imagens capazes de ultrapassar a própria realidade, despertando no sujeito a capacidade de enxergar o invisível, isto é, vê não apenas as coisas, e sim os signos inerentes a elas. Então, os filmes, ao afetarem o imaginário dos espectadores, podem colocar imagens pregnantes socialmente acerca da Enfermagem e, por conseguinte, do seu exercício profissional.

Dessa forma, é importante saber o que está sendo apresentado à sociedade sob a óptica do cinema no contexto da profissão da Enfermagem, tendo em vista o risco de que informações negativas possam prejudicar a relação entre profissional e paciente, equipe multiprofissional e comunidade. Isso porque, uma vez construída uma imagem deturpada, distorcida, pejorativa acerca da Enfermagem, a população tende a construir múltiplos significados e sentidos, os quais, muitas vezes, vão dificultar o próprio exercício profissional.

Tendo em vista tais considerações, o objetivo desta pesquisa é analisar a imagem de Enfermagem veiculada nos filmes de longa metragem, apresentando o perfil de enfermeira (o) enfocado e refletindo sobre o significado das informações veiculadas nas cenas desses filmes.

2 Metodologia

Trata-se de estudo de abordagem qualitativa, que procura trabalhar com as opiniões, as compreensões, as concepções acerca de uma determinada temática (MINAYO, 2007). Pode-se considerar esta pesquisa do tipo analítica e descritiva, visto que visa analisar e

descrever a imagem da enfermeira/do enfermeiro que vem sendo construída em filmes de longa-metragem.

Para a realização desta investigação, conta-se com os filmes do tipo longa-metragem produzidos nas décadas de 1970 a 2000 e que representem o contexto socioeconômico da sua época. Longa-metragem pode ser compreendido como um filme, de distintos gêneros: romance, drama, ficção, documental, etc., cuja duração, na realidade brasileira, é de, no mínimo, 70 minutos. Optou-se por trabalhar diferentes décadas com o intuito de observar como a concepção/imagem acerca da Enfermagem se fez representada no cinema, ao longo do tempo. É importante destacar que se tomou como referência a década de 1970, porque foi significativa na área da saúde, já que, em nível mundial, com o movimento da Reforma Sanitária, iniciado ao final dos anos de 1970, começou-se a refletir sobre a concepção de saúde/doença sob uma perspectiva mais ampliada, o que, certamente, reverberou no pensar/fazer dos profissionais de saúde, inclusive na Enfermagem.

Inicialmente, teve-se a ideia de selecionar um filme produzido em cada década: 1970, 1980, 1990 e 2000, que tivesse como personagem principal uma enfermeira ou um enfermeiro, ou seja, a amostra deste estudo contaria com quatro longas metragens; entretanto só se conseguiu contar com três. Isso porque foi estabelecido o critério de que o filme deveria ter a enfermeira/o enfermeiro ocupando um dos papéis principais, e não em atuações secundárias. Somando-se a esse critério de seleção, também se optou pelo filme que tivesse maior número de expectadores em cada década, porque se subentende que ele atingiu maior número de pessoas e, por conseguinte, construiu, ainda que implicitamente, com mais veemência uma imagem acerca do ser enfermeira/enfermeiro.

Para conseguir as informações acerca dos filmes, foi realizada uma minuciosa busca em sites que retratam os filmes mais assistidos em cada década, bem como foi preciso ler a sinopse de cada longa metragem e, em alguns casos, assisti-lo para identificar se eles se encaixavam nos critérios propostos. No entanto, vale destacar que, na década de 1980, não houve filmografia que se enquadrasse nos critérios desta pesquisa, pelo fato dos personagens da Enfermagem aparecerem sempre em segundo plano como figuras secundárias ou ainda coadjuvantes, o que não possibilitaria um aprofundamento analítico do seu perfil. Sendo assim, esta investigação analisou três filmes: *Um estranho no ninho* (1975); *Servindo em silêncio* (1995) e *Fale com ela* (2002).

Após selecionar os filmes conforme os critérios descritos acima, enquanto estratégia para a coleta dos dados, cada longa metragem foi assistido, na primeira vez, sem nenhum roteiro, a fim de se ter o primeiro contato. Na segunda vez, o longa-metragem foi assistido a partir de um roteiro de observação previamente elaborado em duas seções. A primeira formulava uma identificação do filme: título, duração, ano, país de origem e diretor. A segunda seção era composta por questões de compreensão e interpretação do longa-metragem que versavam sobre a sinopse; personagem/personagens que representa/representam a enfermeira/o enfermeiro, destacando sua participação no enredo e cenas; atividades profissionais

desempenhadas no filme; uniforme da enfermeira/do enfermeiro e de que forma se relacionava com o paciente.

Os dados coletados foram organizados em categorias, sendo analisadas à luz de referencial teórico que aborde a temática em foco, incluindo estudos clássicos da História da Enfermagem, tais como o de Waleska Paixão (1979) a primeira enfermeira brasileira a escrever sistematicamente sobre a História da Enfermagem; Henriqueta Kruse (2006); Machado (2010) e Padilha, Vagletti e Brodersen (2006).

3 Resultados e discussão

Foram analisados três filmes: *Um estranho no ninho* de 1975, dirigido por Milos Forman e produzido por Michael Douglas, originário dos Estados Unidos; *Servindo em silêncio* de 1995, dirigido por Jeff Blekner e produzido por Barbra Streisand, também de origem norte-americana; e, por fim, *Fale com ela*, de 2002, dirigido e produzido por Pedro Almodóvar, de origem espanhola.

Um estranho no ninho trata da história de Randle Patrick McMurphy, um homem que após ser preso finge-se de louco para escapar do trabalho forçado na prisão e ir para um hospital psiquiátrico. Chegando a essa instituição se depara com as rígidas normas da enfermeira-chefe Mildred Ratched. Em pouco tempo, ele instaura no local uma revolta juntamente com os outros internos desfazendo o modelo de cuidados prestados pela cruel enfermeira, que logo começa a punir os internos com humilhações, racionamentos e tratamentos com choque elétricos.

Em *Servindo em silêncio*, durante 20 anos a enfermeira com patente de Coronel, Margarethe Cammermeyer serviu bravamente ao exército americano em campos de batalha. Agora se vê em um conflito ao expor sua orientação sexual, que foge aos padrões esperados pela sociedade. Todos os anos de serviços prestados passam despercebidos diante do exército e da corte americana que a pressionam a pedir dispensa das obrigações militares. A enfermeira leva adiante seu processo contra o Estado, enfrentando inúmeras barreiras na vida pessoal e profissional.

Fale com ela mostra a amizade entre o jornalista Marco e o enfermeiro Benigno que se encontram na exibição de uma peça de teatro. Mais tarde, eles se reencontram no hospital onde Benigno trabalha como enfermeiro. Marco tem uma reviravolta em sua vida quando a mulher que ama sofre um acidente e passa a viver no hospital num coma profundo. Nessa situação, desenvolve uma amizade com Benigno, que dedicou boa parte de sua vida aos cuidados da mãe e agora cuida da garota que ama e que está em coma há quatro anos.

A fim de apresentar de forma sistemática os resultados obtidos neste estudo, foram elaboradas cinco categorias: A Enfermagem à primeira vista; Sobre preconceitos e estereótipos: a questão de gênero na Enfermagem; Mãos à obra: as atividades desenvolvidas pelos Enfermeiros; Espelho, espelho meu: o uniforme diz quem sou eu... e, por último, Sobre idealizações, posturas e realidades: a relação do enfermeiro com o paciente e os membros da equipe.

3.1 A Enfermagem à primeira vista

No filme *Um Estranho no Ninho*, o telespectador tem um primeiro contato com a enfermeira de um hospital psiquiátrico, a senhorita

Mildred Ratched, de forma bem peculiar. Logo no início, a enfermeira é evidenciada por uma imagem pré-estabelecida por parte da produção cinematográfica. Na primeira cena, ao aparecer no corredor entrando no ambiente de trabalho, percebe-se que aquela personagem tem poderes como nenhum outro profissional naquele hospital, inclusive o médico, chegando inclusive a ter ares maléficos. Enquanto todos os funcionários estão usando vestimenta branca, padronizada na área hospitalar, a enfermeira em questão passa entre eles usando um longo casaco e chapéu pretos de aspectos fúnebres (Figura 1), contrastes bem perceptíveis que sugerem ao telespectador a imagem daquele personagem. Representa, então, uma figura rígida, má, de sentimentos negativos, que não se preocupa com o bem-estar dos outros.

Figura 1: Primeira cena do filme *Um estranho no ninho*, em que a enfermeira Mildred Ratched chega à instituição hospitalar.



Fonte: UM ESTRANHO NO NINHO (1975).

Pela experiência em internação hospitalar, Machado (2010) conta que a expressão “Dama de Negro” referente à morte é uma explícita oposição à “Dama de Branco” que remete à Enfermagem. No filme, pode-se observar essa ideia no primeiro contato visual na forma da enfermeira travestida de morte. Um forte apelo por parte da direção do filme para criar e demonstrar o perfil dissimulado da profissional.

No longa-metragem *Servindo em silêncio*, a enfermeira Margarethe Cammermeyer (Figura 2) aparece na primeira cena como instrutora de novas turmas do serviço militar, pela grande experiência que possui nos cuidados aos feridos oriundos dos combates de guerra. Aparenta seriedade e disciplina ao instruir os calouros.

Figura 2: Cena do filme *Servindo em silêncio*, com a enfermeira coronel Margarethe Cammermeyer vestida com uniforme militar, na base do exército.



Fonte: SERVINDO EM SILÊNCIO (1995).

Esse típico contexto de guerra remonta às origens da Enfermagem como profissão, na qual os conhecimentos adquiridos por Florence Nightingale nas formações em escolas militares e comunidades religiosas e, particularmente, na Guerra da Criméia, contribuíram para a valorização, modernização e seriedade da profissão; principalmente, a partir da criação e, posterior, difusão do sistema de ensino nightingaliano, que influenciou mundialmente o processo formativo e, por conseguinte, as práticas da Enfermagem (KRUSE, 2006; PAIXÃO, 1979).

Em *Fale com Ela*, o primeiro contato que se tem com o personagem Benigno (Figura 3), enfermeiro de um hospital, é bem diferente dos perfis demonstrados pelas enfermeiras Ratched e Margarethe. Nessa produção de Almodóvar, identifica-se um homem cheio de sentimentos, pois ele é apresentando assistindo uma peça de teatro e se emocionando bastante com a encenação em cartaz. Fica evidente na primeira cena que se trata de um personagem sensível que se importa com a dor do outro.

Figura 3: Cena do filme *Fale com ela*, em que Benigno, à esquerda, e Marco, à direita, encontram-se pela primeira vez e assistem, atenta e emocionadamente, à peça de teatro.



Fonte: FALE COM ELA (2002).

Para Paixão (1979), a abnegação, a compaixão e a solidariedade das irmãs de caridade nos cuidados aos pacientes, doando-se e colocando-se

no lugar do outro, compartilhando da sua dor, continua a influenciar profundamente as práticas da Enfermagem. Tanto que, muitas vezes, esses atributos ainda são considerados predominantemente femininos e retratam fortemente uma enfermagem pré-profissional. Então, logo nesta primeira cena, o filme transmite a ideia de características tidas como femininas no personagem Benigno, já numa tentativa de suscitar reflexão sobre essa questão.

3.2 Sobre preconceitos e estereótipos: a questão de gênero na Enfermagem

Dos três filmes analisados, apenas um mostra um homem exercendo a profissão. Atualmente, apesar de ainda ser minoria na categoria, os homens estão cada vez mais procurando o mundo universitário e graduando-se como enfermeiros, porém os que procuram essa profissão ainda são rotulados de afeminados ou homossexuais, uma vez que o cuidar tem um apelo maternal, vocacional, que seria próprio da mulher. No filme *Fale com ela*, Benigno é denominado diversas vezes por seus colegas de trabalho como homossexual. O próprio contexto proposto pela direção do longa-metragem faz, por vezes, pensar sobre a orientação sexual do protagonista. Porém, numa das cenas, Benigno revela aceitar tal rótulo sob o benefício de cuidar da paciente, sem que ninguém tivesse receio de que ele quisesse se relacionar com Alicia.

Obviamente, quando se reporta para a gênese da Enfermagem, como já foi citado anteriormente, identifica-se que ela surge eminentemente como uma profissão feminina. Claro que essa concepção foi formulada histórica, cultural e socialmente. Já na Pré-história, as mulheres cuidavam daqueles que se encontravam doentes, realizando ações simples, como preparar medicamentos caseiros a partir de ervas medicinais e empreender medidas de higiene e conforto. O cuidado ao outro que estava doente era, pois, uma extensão do cuidado que a mulher dispensava à sua família (BASTIANI et al., 2011).

Na Idade Média, mais especificamente na metade desse período histórico, a mulher, de forma laica, ainda exerce cuidados aos doentes, mas apenas a homens que fossem seus familiares, do contrário era considerado impróprio. A Igreja começou a escolher mulheres, de acordo com o seu comportamento e valores, e ordená-las em congregações religiosas e uma das suas atividades era cuidar espiritual e fisicamente dos doentes. Interessante que, nesse período, há registros de que homens exerciam atividades relacionados ao cuidado, tendo inclusive procedimentos que só poderiam ser realizados por eles: casos obstétricos, troca de fraldas de meninos, fazer enemas em homens (VAGHETTI et al., 2011). Inclusive há relatos de homens que exerciam a Enfermagem, até mesmo no Brasil como é o caso do Frei Fabiano de Cristo, franciscano, durante 40 anos, no século XVIII, exerceu no Convento de Santo Antônio, no Rio de Janeiro (KOERICH et al., 2011).

Sob outra perspectiva, ao longo do tempo, construiu-se a compreensão do gênero masculino e feminino social e culturalmente construído, isto é, do significado, respectivamente, de ser homem e de ser mulher no contexto societário. Para o homem, coube o papel de forte, provedor, racional, objetivo, lógico; para a mulher, de frágil, delicada, emocional, subjetiva, responsável por cuidar da casa e da

família (SANTANA, 2010). Nesse panorama, reforçou-se ainda mais a imagem da Enfermagem como uma profissão para mulheres, bem como a docência, a assistência social, dentre outras. Não é à toa que Nightingale só aceitava na sua escola alunas, por acreditar que apenas elas teriam condições de cuidar, por terem, dentre outros atributos, a abnegação, a dedicação, a caridade, a solidariedade e a sensibilidade (PAIXÃO, 1979).

No entanto, é pertinente, no panorama atual, ter um novo olhar para essa realidade. Na visão de Boff (2004), todo ser humano possui uma dimensão masculina e feminina em si, um *yin* e um *yang*, ou seja, é possível desenvolver diversas capacidades e percepções desde que se esteja sensível a isso. Ainda mais quando se fala do cuidar, que não é uma atribuição apenas da mulher, mas da condição de ser humano.

Já o filme *Servindo em silêncio* mostra um diferencial, a personagem Margarethe Cammermeyer, uma enfermeira com patente de coronel, tem a vida tumultuada após assumir ser homossexual (Figura 4). Tema raro em filmes sobre enfermeiras. A homossexualidade feminina, aqui, é um agravante, pela enfermeira servir a carreira militar contrariando assim as mais rígidas regras estabelecidas socialmente.

Figura 4: Cena do filme *Servindo em silêncio*, com a enfermeira Cammermeyer beijando Diane, sua companheira, relação que gerou crise sobre a sua permanência no exército, pois não se admitia a homossexualidade de militares.



Fonte: SERVINDO EM SILÊNCIO (1995).

Quando se reporta mais uma vez para a História da Enfermagem, pode-se perceber as influências de Florence Nightingale na categoria, trazendo um ensino com normas rígidas, inspirado em modelos militares, porém sem perder as características consideradas femininas. Nesse sentido, os estudos de Rambor e Kruse (2010, p 59), ajudam a refletir sobre a personagem Margarethe quando dizem que,

A enfermagem foi marcada em sua história como feminina, devendo então se destacar pela leveza e poder de encantamento, embora a profissão tenha nascido e se organizado como profissão rígida, asséptica, energética e masculina. Estas características têm influência da escola nightingaliana constituída no exemplo militar e no puritanismo vitoriano, rígido e rico em normas.

Numa análise comparativa entre os dois filmes: *Servindo em Silêncio* e *Fale com Ela*, observa-se que a enfermeira sofre mais preconceito do que o enfermeiro diante da temática da

homossexualidade, o que suscita que ainda é uma temática pouco abordada.

3.3 Mãos à obra: as atividades desenvolvidas pelos enfermeiros

A enfermeira Ratched de *Um estranho no ninho* (Figura 5) aparecia como normatizadora da instituição, desempenhando diversas atividades, tais como a realização de terapias em grupo, as quais apresentavam caráter duvidoso, visto que infligiam aos pacientes humilhações públicas na frente dos colegas. Além disso, responsabilizava-se pela distribuição de medicamentos aos internos, preenchimento de documentos e, pelo fato de ter acesso à alimentação e a produtos de higiene dos pacientes, fazia um controle abusivo dos mesmos. Sempre surgia nas cenas acompanhada por sua auxiliar; reproduzindo, assim, o papel de poder.

Figura 5: Cena do filme *Um estranho no ninho*, em que a antagonista, a enfermeira Ratched, impõe, autoritariamente, suas ordens a um paciente.



Fonte: UM ESTRANHO NO NINHO (1975).

No filme *Fale como ela*, Benigno realizava atividades práticas da Enfermagem, como aferição da pressão arterial, banho no leito, mudança de decúbito em paciente acamado, massagem de conforto e administração de medicamentos. É importante salientar, porém, que ele não se restringia simplesmente à realização de procedimentos, preocupava-se com uma sistematização dos cuidados realizados, valorizando a dimensão psicológica dos sujeitos, a sua subjetividade a partir do estabelecimento de diálogo e a percepção das suas opiniões e emoções.

Em *Servindo em Silêncio*, Margarethe desempenha atividades como instrutora para os novatos em campo de guerra, ensinando como cuidar e agir em situações de urgência e emergência no cenário de batalha. Aparece retratada, assim, no ambiente hospitalar, preenchendo documentações, checando informações dos pacientes, prestando cuidados a sujeitos restritos aos leitos, fazendo troca de curativos e realizando educação em saúde ao estar sempre atenta para esclarecer dúvidas.

A relação, muitas vezes, conflituosa, repleta de embates entre o pensar e o fazer encontra-se exemplificado nas personagens citadas anteriormente. Pode-se observar, então, o modelo que, na História da Enfermagem, chama-se de divisão entre o pensar e o fazer da

Enfermagem: as Ladies-nurses e as Nurses. A situação socioeconômica de Florence Nightingale influenciou esse tipo de hierarquia quando, com seu método de ensino, contemplava alunas de diferentes classes sociais, cabendo às Ladies, mais abastadas, o saber, o pensar, o trabalho intelectual e às Nurses, de condição socioeconômica baixa, caberia o fazer, a prática, o trabalho manual (COSTA et al., 2011; MACHADO, 2010).

Esse modelo de formação foi se desenvolvendo ao longo do tempo. Nos dias atuais, a exemplo da realidade brasileira, tem-se uma dicotomia na enfermagem, organizada em Auxiliares (já em processo de extinção) e Técnicos de enfermagem, equivalente às Nurses, e os Enfermeiros, referentes às Ladies-nurses, ambos com formação, atuação profissional e salários diferenciados (MACHADO, 2010).

Na atualidade, identifica-se que o enfermeiro ainda vive esse dilema entre realizar procedimentos ou apenas gerenciar a equipe de enfermagem. Como se não pudesse exercer, concomitantemente, as duas dimensões inerentes ao seu trabalho: a assistência e o gerenciamento, uma profissão na qual se precisa de um sólido referencial técnico-científico para realizar intervenções pertinentes, bem como a capacidade de gerenciar os recursos humanos e materiais. Machado (2010, p 345) ajuda a refletir sobre essa realidade ao afirmar que:

[...] existe uma tendência a rejeição com relação às tarefas mais simples, como por exemplo, lidar com odores dos excrementos dos pacientes, preparar os ambientes para que os pacientes se sintam bem acomodados e confortáveis, enfim, todo tipo de trabalho que não transmita um certo ar de superioridade para quem os está acompanhando.

Depreende-se, pois, que as atividades relacionadas ao cuidado direto, que envolvem a realização de procedimentos são consideradas inferiores, enquanto as que se referem à organização do setor, à sistematização das tarefas, a delegar cuidados é concebida como superior, pois envolveria, de sobremaneira, a dimensão cognitiva.

3.4 Espelho, espelho meu: o uniforme diz quem sou eu...

A história do uniforme da enfermeira mostra que, no começo do século XX, as roupas que elas vestiam, em alguns momentos, dificultava a realização do cuidado aos pacientes. É preciso compreender que as vestimentas do passado eram associadas à ideia de servidão. Havia saias muito compridas e mangas apertadas e longas. O uso do gorro surgiu da necessidade das estudantes de Enfermagem ocultarem seus cabelos sujos por falta de tempo para lavá-los e também contribuía muito para a aparência simples da enfermeira, além de remeter à pureza representada outrora pelo véu das irmãs de caridade (ATKISON; MURRAY, 1989 apud MACHADO, 2010). Nesse sentido, os personagens dos filmes analisados neste estudo suscitam análises sobre essa questão.

No filme *Um estranho no ninho*, a enfermeira Mildred Ratched é uma mulher de cor branca, suas formas físicas como busto, cintura e quadril ficam escondidas pelas roupas largas que usa, mas se percebe que é magra. Tem o avental largo em volta do corpo e blusa de mangas que vão até os punhos, meias-calças brancas e sapatos brancos baixos de solados de borracha e lustrados. Apresenta o rosto arredondado com sobrancelhas angulosas e arqueadas. Exibe sempre a mesma expressão

facial; suas maldades são perceptíveis com a fixação do seu olhar sobre os pacientes. Está sempre com o penteado impecável, com touca presa na parte detrás dos cabelos que vão até o pescoço. É vista sempre quando entra ou sai da instituição usando por cima de suas roupas hospitalares um casaco preto que desce até os joelhos e chapéu preto. Não usa nenhuma maquiagem.

A enfermeira Margarethe Cammermeyer de *Servindo em Silêncio*, no âmbito hospitalar, usa roupas comuns à época, blusas estampadas com saias abaixo do joelho, com o jaleco por cima das roupas. Quando está em contato direto com pacientes, usa o jaleco fechado; quando não, desabotoado. Suas roupas são largas, inclusive o jaleco que fica mais evidente quando passa ao lado de outras enfermeiras mais jovens com roupas justas ao corpo. No ambiente familiar, se veste com roupas largas induzindo o telespectador a um olhar masculinizado da mesma. Quando está com o fardamento do exército, constata-se a necessidade de que a produção do filme tem em deixá-la mais feminina, pois visivelmente se observa que nestas cenas a maquiagem fica mais evidente, juntamente com o fardamento justo ao corpo, sempre mostrando sua imagem num plano em que o telespectador possa perceber o formato do seu corpo.

Quando se analisa Benigno, personagem do filme *Fale com ela*, percebe-se que o enfermeiro quando está no hospital, veste-se com roupas popularmente conhecidas como sendo de centro cirúrgico, camisas de mangas curtas e calças largas, na cor azul. Quando está fora do hospital, veste-se extremamente bem, com roupas sociais, dando a impressão de que é bem mais velho do que a idade que seu personagem apresenta.

Identifica-se que *Ratched*, Cammermeyer e Benigno, ainda que retratem o profissional de Enfermagem em diferentes décadas, apresentam algumas semelhanças em relação ao uniforme, o que conduz ao pensamento de que as ideias de simplicidade, servidão, pureza e seriedade continuaram a se perpetuar por meio das vestimentas.

3.5 Sobre idealizações, posturas e realidades: a relação da enfermeira/do enfermeiro com o paciente e os membros da equipe

Quanto à relação do enfermeiro com os pacientes e os membros da equipe de saúde, Kruse (2006) e Padilha, Vagheti e Brodersen (2006) discorrem sobre o estereótipo criado ao longo dos séculos, de como a sociedade espera que seja o enfermeiro ideal, repleto de qualidades somente. Sempre com um sorriso no rosto, obediente e servil. Situação que remete, na História da Enfermagem, às irmãs de caridade e ao espírito de abnegação, cobrando do profissional um ideal de perfeição. Sem defeitos. Sempre disposto a servir, sem quaisquer tipos de questionamentos. Embora muitas, na realidade, incorporassem o diabo, por suas ações maquiavélicas.

Paixão (1979) ainda associa o medo que os pacientes têm no que concerne a serem atendidos por profissionais desqualificados no cuidado em enfermagem com a situação que ocorria em alguns países na época da Reforma Protestante, no século XVI, quando ocorreu a cisão entre Estado e Igreja e, desse modo, os religiosos foram expulsos das

instituições de saúde. Desse modo, foram selecionadas mulheres de moral duvidosa para a realização do cuidado aos doentes, deixando os hospitais sem organização e os pacientes nas mãos de pessoas que não dispunham de preparo adequado.

Nesse contexto, a partir do pensamento de Padilha, Vagheti e Brodersen (2006) e de Paixão (1979), infere-se que se forjaram dois estereótipos a respeito do relacionamento com a enfermeira/o enfermeiro: ou é totalmente competente, bondosa(o), bonita(o) e preparada(o), ou o oposto: incompetente, má, feia(o) e despreparada(o). Esses aspectos são observados nos enfermeiros retratados nos seguintes filmes: *Servindo em silêncio* e *Um estranho no ninho*. Então, o diretor, o roteirista ou o autor da história que elaboram, criam, dirigem o filme escolhem essa imagem tão diversificada no imaginário coletivo.

Em *Servindo em Silêncio*, a enfermeira, com patente de coronel, é altamente respeitada por todos os membros da equipe, que sabem do seu valor na instituição. Durante o filme chega a ser promovida de função por seus méritos profissionais. É bastante estimada pela direção do hospital e referência para novos profissionais. Margarethe Cammermeyer mostra-se comprometida com o trabalho, sempre cordial com aqueles que já foram seus pacientes. Dedicar-se em cuidar dos pacientes da melhor maneira possível sempre os instruindo quanto à educação em saúde. Na parte final do filme, um paciente não quer ninguém cuidando dele a não ser a enfermeira Cammermeyer.

Na análise de *Um estranho no ninho*, Mildred Ratched é uma mulher fria, aparece sempre com calma e suavidade nas palavras firmes, não deixando transparecer seus sentimentos. É extremamente calculista, sempre fazendo perguntas ardilosas, uma vez que antevê as respostas e sabe que o paciente se sentirá desconfortável com a situação. Não admite estar errada com os pacientes. Acredita que sua forma de tratamento é o melhor para a saúde dos internos. A enfermeira é cruel com os desejos e sentimentos dos outros, instaura uma espécie de ditadura sobre os enfermos, sob o risco de severas punições para quem desrespeitá-las.

Em *Fale com ela*, tem-se a oportunidade de se pensar sobre essa dualidade entre bem e mal; certo e errado; qualificado e desqualificado. O enfermeiro tem um bom relacionamento com os demais membros da equipe, apesar do filme mostrar um maior contato dele com os pacientes. Há momentos em que se percebe que as colegas o chamam de homossexual, numa atitude preconceituosa. Benigno também se relaciona com sua paciente – Alicia – que está em estado de coma há mais de 4 anos com bastante zelo, falando sempre com ela (Figura 6). Seu comportamento chega a chamar a atenção do pai da paciente que indaga sobre a sua orientação homossexual. O enfermeiro, como forma de continuar sua relação com a paciente, diz que sua orientação é homossexual, quando na verdade sabe que não. Na realidade, ele é profundamente apaixonado por Alicia, mas teme que, se souberem, irão proibi-lo de cuidar dela. Sobremais, Benigno tenta ensinar o jornalista Marco a falar com sua namorada, Lídia, que está em coma, enquanto estratégia terapêutica.

Figura 6: Cena do filme *Fale com ela*, representando os cuidados de Enfermagem que Benigno realizava em/para/com Alicia, sempre falando com ela.



Fonte: FALE COM ELA (2002).

No início, o espectador tem a impressão de que Benigno é um enfermeiro exemplar. Com muitas qualidades. Sem nenhum defeito. Um anjo! No entanto, Almodóvar guarda uma reviravolta para a trama. Benigno, de tanto amar Alicia, abusa sexualmente dela. E, nesse momento, com exceção de Marco, seu amigo, todos começam a vislumbrá-lo de forma negativa. Agora, só tem defeitos. Nenhuma qualidade. É um demônio!

Acredita-se que o diretor desse filme, ao optar por esse enredo, fomenta uma oportunidade de evidenciar a imagem construída do enfermeiro que vem associada ao que dele se quer mostrar. Logo, expressa, por meio da linguagem fílmica, o que se internaliza como imagens da profissão, no imaginário coletivo. Sendo assim, por meio da História da Enfermagem é possível identificar a origem da maioria destas imagens e as possíveis causas de sua permanência no meio social, mesmo em um cenário de evolução tecnológica e científica pela qual passou e passa a Enfermagem.

Em *Fale com ela*, tem-se a oportunidade de ressignificar a imagem acerca do *ser enfermeiro*, percebendo-o como um ser humano, passível de erros, mas também repleto de acertos e qualidades.

O hábito que Benigno tinha de estabelecer vínculo com os pacientes, mesmo aqueles que se encontravam em coma, fazendo questão de explicar todo procedimento assim como dialogar sobre assuntos cotidianos, remete à temática da *Clínica Ampliada* proposta pelo Ministério da Saúde, a qual pretende ressignificar a subjetividade do sujeito que está no serviço em saúde. A Clínica Ampliada propõe-se a tratar do sujeito que está doente, e não da doença do sujeito. Parece um simples trocadilho de palavras, mas não o é. Historicamente, o sujeito que procurava a instituição de saúde sempre ficou em segundo plano; o mais importante eram os sinais e sintomas, isto é, a patologia. Agora, argumenta-se a necessidade de se valorizar o sujeito que se encontra doente em sua integralidade (BRASIL, 2003).

4 Considerações finais

É relevante analisar as imagens acerca da Enfermagem que vêm sendo difundidas na sociedade. Neste caso, particularizando para a imagem retratada nos filmes, visto que, ao forjar uma concepção do *ser*

enfermeira/enfermeiro, há uma influência no exercício profissional e na relação com o paciente.

Para o presente estudo, utilizou-se a análise de três longas-metragens: *Um estranho no ninho*; *Servindo em silêncio* e *Fale com ela*. Foi possível compreender que a imagem da enfermeira/do enfermeiro retratada nesses filmes tem forte ligação com a história da Enfermagem e períodos reais de sua prática e profissão. Uma mais fortemente focada, às vezes chegando à distorção, outras dando continuidade. Desse modo, durante toda a investigação, o passado se tornou, de certa forma, o presente. Na realidade, as produções cinematográficas se valem da Enfermagem em sua maioria das produções de forma caricata, aquela que se originou servil, caridosa, subalterna, mecanicista e sem crítica.

Cada filme, com suas peculiaridades, mostra estereótipos acerca da enfermeira/do enfermeiro. Em *Um Estranho no Ninho*, a enfermeira por ser a vilã, usa roupas pretas e largas. Tem expressões faciais sérias e exala maldade em toda ação. No filme *Servindo em silêncio*, a enfermeira com patente de coronel, homossexual, usa roupas masculinizadas, sendo respeitada na instituição, impondo respeito por meio da sua autoridade e do conhecimento que possui. Em *Fale com Ela*, o enfermeiro é apresentado como sensível, educado e arrumado, fazendo o telespectador questionar-se sobre a sua orientação sexual e até mesmo sobre seus preceitos ético-humanísticos ao abusar sexualmente de Alicia, paciente sob seus cuidados.

Assim, se por um lado, as narrativas fílmicas forjam o imaginário social sobre o ser enfermeiro (a), pondera-se, por outro lado, que o filme também reforça imagens já presentes no contexto societário. Isso porque, pela perspectiva do Imaginário, sendo o cinema dispositivo de disseminação de tecnologias do imaginário utiliza-se de símbolos e imagens já reconhecidos socialmente para produzir sentido nos telespectadores. Logo, as imagens sobre o ser enfermeiro(a) também já estavam historicamente presentes no imaginário social.

É necessário, pois, que os profissionais de Enfermagem, na história que os longa-metragem revelam, saibam ler a mensagem por trás da imagem e a imagem que esta apresenta estejam atentos ao que é construído sobre a categoria, para que não seja deturpado o olhar da sociedade em relação à profissão por meio de concepções errôneas e previamente concebidas.

Sob outra perspectiva, é pertinente que todos os que compõem a Enfermagem, ao assistir os filmes que retratem a profissão, reflitam de que forma poderão contribuir para que aquela imagem veiculada pelo cinema ainda continue a ser repetir no cotidiano dos serviços de saúde, de forma discreta e nos detalhes, perpetuando estereótipos e estigmas.

Referências

BACHELARD, G. **O direito de sonhar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

BASTIANI, J. de A. As origens da Enfermagem e da saúde: o cuidado no mundo. In: PADILHA, M. I.; BORENSTEIN, M. S.; SANTOS, I. dos (Orgs.). **Enfermagem: história de uma profissão**. São Caetano: Difusão, 2011.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

- BRASIL. Ministério da Saúde. **Clínica ampliada, equipe de referência e projeto terapêutico singular**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.
- CARRIÈRE, J.C. **A linguagem secreta do cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006
- COSTA, R. et al. Florence Nightingale (1820-1910): as bases da Enfermagem moderna no mundo. In: PADILHA, M. I.; BORENSTEIN, M. S.; SANTOS, I. dos (Orgs.). **Enfermagem: história de uma profissão**. São Caetano: Difusão, 2011.
- FALE COM ELA. Direção Pedro Almodóvar. Produção Pedro Almodóvar. Espanha: FOX; 2002. 1 DVD (112 minutos). Legendado em Português.
- KOERICH, A. M. E. et al. A organização da Enfermagem e da saúde no contexto da Idade Moderna: o cuidado e a ciência no mundo e no Brasil. In: PADILHA, M. I.; BORENSTEIN, M. S.; SANTOS, I. dos (Orgs.). **Enfermagem: história de uma profissão**. São Caetano: Difusão, 2011.
- KRUSE, M. H. L. Enfermagem moderna: a ordem do cuidado. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 59, p. 403-410, 2006. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672006000700004>. Acesso em: 10 jul. 2014.
- MACHADO, W.C.A. Reflexão sobre a prática profissional do enfermeiro. In: GEOVANINI, T (Org.). **História da Enfermagem: versões e interpretações**. 3. ed. São Paulo: Revinter, 2010.
- MASCARELLO, F. **História do cinema mundial**. Campinas: Papyrus, 2006.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec, 2007.
- PADILHA, M.I.C.S.; VAGHETTI, H.H.; BRODERSEN, G. **Gênero e enfermagem: uma análise reflexiva**. **Revista de enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 14. n. 02, p. 292-300, 2006. Disponível: <<http://www.facenf.uerj.br/v14n2/v14n2a21.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2014.
- PAIXÃO, W. **História da Enfermagem**. Rio de Janeiro: Júlio C. Reis, 1979.
- PIMENTEL, L. da S. L. **Educação e cinema: dialogando para a formação de poetas**. São Paulo: Cortez, 2011.
- RAMBOR, A.; KRUSE, M. H. L. Os filmes hollywoodianos e a produção de sentidos sobre a enfermeira. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 52-61, 2007. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/23575/000596943.pdf?sequence=1&locale=pt_BR>. Acesso em: 10 mar. 2014.
- SANTANA, A. M. de. Mulher mantenedora/homem chefe de família: uma questão de gênero e poder. **Fórum Identidades**, Itabaiana, v. 4, n. 8, p. 71-87, 2010. Disponível: <http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_8/FORUM_V8_05.pdf>. Acesso em: 12 set. 2014.
- SERVINDO EM SILÊNCIO. Direção Jeff Blekner. Produção Jeff Blekner. Estados Unidos da América: Columbia Pictures; 1995. 1 VHS (131 minutos). Legendado em Português.

UM ESTRANHO NO NINHO. Direção Milos Forman. Produção Michael Douglas, Saul Zaentz. Estados Unidos da América: United Artists; 1975. 1 DVD (133 minutos). Legendado em Português.

VAGHETTI, H. H. A organização da Enfermagem e da saúde no contexto da Idade Média: o cuidado e a ciência no mundo e no Brasil. In: PADILHA, M. I.; BORENSTEIN, M. S.; SANTOS, I. dos (Orgs.). **Enfermagem**: história de uma profissão. São Caetano: Difusão, 2011.

Artigo enviado em: 23/03/2020. Aprovado em: 22/05/2020.